

EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIA, PROTAGONISMO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

EDUCATION IN CONTEMPORARY TIMES: REFLECTIONS ON EXPERIENCE, PROTAGONISM AND PEDAGOGICAL PRACTICES

Eduardo Moreira Marques – eduardomarques@facmais.edu.br¹
Programa de Pós Graduação em Educação - Mestrado (PPGE/UniMais)

Anny Carolina de Oliveira – anny.oliveira@facmais.edu.br²
Programa de Mestrado Acadêmico da UniMais (PPGE/UniMais)

RESUMO

O presente estudo desenvolve reflexões sobre a educação e sua relevância no desenvolvimento humano, enfatizando a experiência como eixo estruturante da aprendizagem e a interação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com a sociedade. Ao longo do artigo, discutem-se criticamente os modelos tradicionais e progressistas de educação, evidenciando-se a necessidade de revisão desses paradigmas diante das transformações contemporâneas e dos desafios impostos pela cultura digital. A partir das contribuições de Dewey (1976), Vigotski (2007), Libâneo (2002) e Freire (1975; 1987; 1996), o estudo destaca a importância da mediação docente, do diálogo, da contextualização cultural e da participação ativa do educando na construção do conhecimento. Argumenta-se que práticas pedagógicas dinâmicas, intencionais e socialmente situadas favorecem o desenvolvimento integral do sujeito, promovendo autonomia, criticidade e consciência social. Assim, busca-se apresentar caminhos metodológicos capazes de articular experiência, interação e protagonismo, visando a um ensino significativo e comprometido com as demandas e complexidades da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Educação contemporânea. Práticas pedagógicas. Protagonismo estudantil. Desenvolvimento humano. Metodologias ativas.

ABSTRACT

This study develops reflections on education and its relevance to human development, emphasizing experience as a structuring axis of learning and the interaction of the

¹ Doutor em Educação pela Pontifícia Católica de Goiás, Mestre em Administração pela FEAD-Minas, Especialista em Docência do Ensino Superior pela ESEFEGO. Graduado em Administração pela PUC/GO e Licenciado em Filosofia pela PUC/GO. Docente na Graduação e Pós-Graduação do UNIMAIS. E-mail: eduardomarques@facmais.edu.br.

² Doutora em Educação (PPGED/UFU); Mestra em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM/UFU); Especialista em Fitoterapia e Prescrição de Fitoterápicos (Faculdade Metropolitana) e Licenciada em Química (FACIP/UFU). Docente dos cursos de Graduação em Saúde da Faculdade Mais de Ituiutaba e do Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado Acadêmico da UniMais (PPGE/Unimais). E-mail: anny.oliveira@facmais.edu.br.

individual with oneself, with others, and with society. Throughout the article, traditional and progressive educational models are critically discussed, highlighting the need to revise these paradigms in light of contemporary transformations and the challenges imposed by digital culture. Based on the contributions of Dewey (1976), Vygotsky (2007), Libâneo (2002), and Freire (1975; 1987; 1996), the study underscores the importance of teacher mediation, dialogue, cultural contextualization, and the active participation of students in the construction of knowledge. It argues that dynamic, intentional, and socially grounded pedagogical practices foster the integral development of learners, promoting autonomy, critical thinking, and social awareness. Thus, the study seeks to present methodological pathways capable of articulating experience, interaction, and student agency, aiming for meaningful education aligned with the demands and complexities of contemporary society.

KEYWORDS: Contemporary education. Pedagogical practices. Student protagonism. Human development. Active methodologies.

INTRODUÇÃO

A educação ao longo do tempo vem sendo entendida como o ato de instruir, transmitir conhecimento, proporcionar as condições para que o ser humano possa entender seus hábitos, valores e tradições. Assim, ao falarmos em educação nos tempos atuais, torna-se necessário situarmos qual o sentido dessa ação dentro do ambiente social e sua finalidade.

As modificações ocorridas na sociedade contemporânea, sobretudo aquelas provocadas pelo acúmulo de informações e notícias de fácil acesso, proporcionado pelo avanço tecnológico, tem ocasionado algumas transformações no ambiente escolar, levando a crer que seria necessária uma mudança de comportamento, postura e, principalmente, uma atuação diferenciada do educador.

Essas mudanças evidenciam que a educação, para cumprir seu papel social, precisa ser compreendida como uma prática em constante processo de reconstrução. Como destaca Dewey (1976), o ambiente escolar deve acompanhar as transformações da sociedade, de modo que a experiência do aluno se torne o eixo estruturante do processo formativo. Assim, a escola contemporânea é desafiada a romper com modelos rígidos de ensino e a adotar práticas mais maleáveis, capazes de dialogar com a realidade cultural, tecnológica e social dos estudantes.

Ao estudarmos a teoria da educação podemos ter como princípio o estudo das diversas formas de entender os pressupostos da educação, a fim de que possamos compreender de que modo o homem pode perceber-se como sujeito

participante e construtor de seus conceitos e suas percepções. O sujeito em suas relações em sociedade, vai compreendendo suas inter-relações com o objetivo de que suas experiências sejam instrumento de compreensão de seu papel dentro do processo de desenvolvimento humano.

Nesse sentido, Libâneo (2002) contribui ao reforçar que a educação não pode ser analisada isoladamente das condições sociais que a constituem. Para o autor, compreender o desenvolvimento humano requer reconhecer que a formação do indivíduo acontece no interior de práticas sociais concretas, permeadas por valores, conflitos e finalidades. Assim, a aprendizagem não deve ser vista como um processo meramente individual, mas como uma construção dinâmica que se efetiva na interação entre sujeitos, escola e sociedade.

O homem em seu desenvolvimento educacional contribuiu na construção de seu próprio conhecimento. Na sua interação com o outro inicia formulações de ideias e concepções que fortalecem sua essência e aumentam o entendimento de si mesmo. Compreender as vantagens de se dedicar ao estudo da educação faz com que sua experiência, ou seja, a realidade por ele concebida no dia a dia, se depare com o fenômeno da educação.

Dewey (1976) ressalta que a experiência cotidiana, quando refletida, torna-se fonte de crescimento intelectual e moral. Desse modo, ao considerar a experiência como elemento estruturante do ato educativo, amplia-se a compreensão de que o estudante não chega à escola como uma “tábula rasa”, mas como alguém que traz consigo vivências, expectativas e modos próprios de interpretar o mundo. Esse reconhecimento possibilita ao educador organizar situações de aprendizagem mais significativas, conectadas às necessidades e aos interesses reais dos educandos.

A educação é o processo de transformação que pode acontecer em diversos locais, com diversos modelos, tipos e objetivos, o que nos leva a nos envolver em todo ambiente, onde os educandos podem formatar novas ideias e novas culturas. A partir dessas concepções, Libâneo (2002, p. 73) observa que a “educação é uma prática ligada à produção e reprodução da vida social, condição para que os indivíduos se formem para a continuidade da vida social”. A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que a ação educativa deve considerar a diversidade de trajetórias e contextos que compõem a vida dos estudantes. Libâneo (2002) enfatiza que a prática pedagógica, ao assumir caráter social, deve buscar desenvolver a capacidade crítica e a autonomia intelectual, possibilitando ao educando compreender-se como parte

ativa do meio em que vive. Isso implica pensar a escola como um espaço de formação integral, no qual se articulam conhecimento, cultura e participação social. O ato de educar corresponde ao agir dentro de um ambiente social, de modo que possamos obter resultados na formação do sujeito, enfatizando suas individualidades, personalidades e capacidades que contribuem no melhoramento de todos na vida social, propiciando a igualdade aos que estão no seio da sociedade.

Como educadores temos como incumbência proporcionar discussões que possam levar o professor ao entendimento de seu real papel dentro do processo de ensino e aprendizagem do educando, fazendo com que compreenda sua importância no ato de desenvolver com o estudante um modelo dinâmico dentro do processo educativo, para que tenha o lampejo de suas obrigações de levar o educando na interação com o meio, ou seja, todo seu trabalho como prospector de novos métodos, não o faça ficar desconectado da realidade do aluno, mas o leve a crer que o conhecimento alcançado pelo educando melhore suas condições de vida e diminua as diferenças e desigualdades, promovendo sua emancipação como sujeito.

Nessa direção, a tarefa docente ultrapassa a simples transmissão de conteúdos, exigindo atenção às condições concretas em que o processo educativo se realiza. Tanto Dewey (1976) quanto Libâneo (2002) sugerem que o educador precisa assumir uma postura investigativa, capaz de analisar a realidade, reconhecer os desafios emergentes e propor alternativas adequadas ao contexto. Essa postura favorece a construção de práticas pedagógicas que valorizem o protagonismo do estudante e promovam aprendizagens conectadas ao cotidiano e às experiências sociais dos sujeitos.

De acordo com Dewey (1976) a educação tem sua ênfase a partir do momento em que seu desenvolvimento acontece de dentro para fora, onde o educando está no processo de conseguir vencer as inclinações naturais e adaptar aos modelos que vão surgindo com as pressões externas. Cabe destacar que educação não pode ser dissociada da realidade, deve estar a todo momento a favor de retirar as amarras e dominações que as ideologias e sistemas utilizam para oprimir e submeter a uma ordem ideológica, sem perder a visão crítica, que é a verdadeira postura do educador dentro do processo educativo ao analisar a realidade e promover o debate.

A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Com a chegada do século XXI, a sociedade passou por transformações significativas, tanto no âmbito social quanto na esfera educacional. O avanço tecnológico, a difusão massiva de informações e o surgimento de novas demandas profissionais alteraram profundamente a forma como produzimos e compartilhamos conhecimentos (Hernández, 2007). Nesse contexto, a escola tradicional, historicamente entendida como a instituição responsável pela transmissão sistematizada de saberes, viu-se diante da necessidade de repensar seus alicerces. Nesse cenário, torna-se fundamental reconhecer que as mudanças tecnológicas não afetam apenas a forma como o conhecimento circula, mas também a velocidade com que se transforma. Como observa Hernández (2007), a escola passa a conviver com novas linguagens, novas formas de expressão e novas maneiras de construção de sentido. Assim, o desafio educativo deixa de ser apenas o de “acompanhar” as transformações sociais e passa a ser o de reinterpretar continuamente suas práticas, de modo a manter sua relevância cultural e formativa.

Diante desse cenário, a reflexão sobre a educação nos leva a considerar diferentes concepções, como a educação tradicional e a educação progressiva, que oferecem perspectivas distintas sobre o processo educativo. Cada modelo possui defensores e críticos, sendo a experiência um elemento central no processo de aprendizagem, promovendo interações entre os indivíduos e permitindo uma compreensão mais profunda da finalidade da educação no desenvolvimento cognitivo e social do ser humano. Essa discussão também se articula com a centralidade da experiência defendida por Dewey (1976), que compreende o ato educativo como um processo contínuo de reconstrução da experiência anterior. A aprendizagem, nessa perspectiva, não é um fim em si mesma, mas uma forma de ampliar a capacidade do sujeito de interagir criticamente com o mundo. Assim, a diferenciação entre modelos tradicionais e progressistas não deve ser vista apenas como oposição, mas como uma oportunidade para refletir sobre quais experiências escolares realmente promovem crescimento e compreensão.

Antes de avaliar os modelos educacionais tradicionais e progressivos, é fundamental compreender o conceito de educação. Essa compreensão deve possibilitar uma análise que conduza a transformações internas e externas, promovendo mudanças tanto no espaço físico quanto no ambiente educacional. Além disso, essa abordagem deve evitar restrições impostas por estruturas ideológicas que possam limitar a compreensão de uma concepção educacional ampla, inclusiva e

inovadora. A educação, portanto, deve ser vista como um processo dinâmico, capaz de se adaptar às exigências contemporâneas e de promover uma aprendizagem significativa alinhada às necessidades sociais e individuais.

Para Libâneo (2002), compreender a educação como um processo dinâmico implica reconhecer que ela está inserida em um tecido social complexo, permeado por disputas políticas, ideológicas e culturais. Assim, a definição de qual educação queremos envolve necessariamente uma reflexão crítica sobre o tipo de sociedade que desejamos construir. A escola, portanto, precisa assumir seu papel enquanto instituição social capaz de formar sujeitos críticos, participativos e conscientes de sua inserção histórica.

Conforme Forquin (1993), a escola não pode ser dissociada do contexto cultural em que está inserida. Dessa forma, modelos instrucionais centrados exclusivamente em conteúdos acadêmicos e desconectados da vida cotidiana tendem a gerar um esvaziamento da motivação discente e um distanciamento entre o “mundo da escola” e o “mundo real”. Nessa perspectiva, Forquin (1993) contribui para esse debate ao enfatizar que a cultura escolar é resultado de seleções e recortes que refletem valores sociais. A partir dessa perspectiva, pensar a escola contemporânea exige problematizar quais saberes são considerados legítimos e quais são silenciados, bem como quais experiências são reconhecidas como educativas. Essa reflexão torna-se ainda mais urgente diante da pluralidade cultural que caracteriza as sociedades contemporâneas. A questão que se coloca é: como estruturar processos educativos que sejam, simultaneamente, relevantes para o aluno, respeitando suas experiências, e coerentes com as exigências de uma sociedade em constante transformação?

Ao considerar a educação como uma representação da vida humana, torna-se necessário adotar princípios e modelos que influenciam a vida em sociedade, abrangendo temas como economia, política e cultura. O aprendizado ocorre a partir das interações entre o indivíduo e o meio, permitindo a captação de conceitos e a formulação de abordagens metodológicas ao longo do tempo. O diálogo entre o ser humano e suas próprias concepções e desafios revela um dos grandes dilemas do ensino contemporâneo: a necessidade de aprimorar a relação entre educação e tecnologia, ou seja, integrar teoria e prática de maneira eficaz. Nesse sentido, Dewey (1976) defende que o processo educacional deve estar comprometido com uma filosofia da experiência ou filosofia experimental. Essa concepção destaca a

importância de adaptar a educação às transformações tecnológicas e sociais, tornando a escola um espaço propício ao desenvolvimento de competências críticas, criativas, comunicativas e relacionais.

Dewey (1976) destaca que, em sociedades marcadas por rápidas transformações, a educação deve promover condições para que o estudante desenvolva capacidade de adaptação inteligente. Isso significa formar sujeitos capazes de pensar, investigar e agir com base em uma compreensão crítica de sua realidade. Nesse sentido, a integração entre experiência e reflexão assume papel central, pois permite que a aprendizagem seja orientada por problemas reais e situações concretas vividas pelos alunos.

No que tange à educação tradicional, Dewey (1976) a define como um processo de transmissão do conhecimento de maneira hierárquica, ou seja, de cima para baixo e de fora para dentro, no qual padrões estabelecidos pela sociedade interferem no ambiente de aprendizagem. Antigamente, o discente era visto como um receptor passivo do saber; no entanto, atualmente, emerge a concepção do aluno como protagonista, um sujeito que interage ativamente com o meio e constrói significados pessoais e coletivos. Essa mudança de postura está alinhada às exigências de autonomia crescentes em diferentes campos sociais, sejam eles profissionais ou pessoais. Esse movimento de deslocamento do aluno de uma posição passiva para uma postura ativa revela uma mudança metodológica, mas também uma transformação na compreensão do próprio sentido da educação. Dewey (1976) argumenta que, quando o estudante participa ativamente da construção do conhecimento, a aprendizagem torna-se mais significativa, pois passa a relacionar-se diretamente com suas experiências, interesses e necessidades concretas.

Por outro lado, a educação progressiva, conforme Dewey (1976), baseia-se na filosofia da experiência, priorizando a curiosidade natural do educando e incentivando seu crescimento individual. Esse modelo valoriza a construção do conhecimento a partir da interação do aluno com o mundo, sem imposição de ideias externas. O papel do educador, nesse contexto, é guiar o estudante na compreensão dos conceitos, tomando como ponto de partida sua realidade e experiências diárias. Dessa maneira, temas como história, economia e questões comunitárias tornam-se parte do processo de aprendizagem, preparando os alunos para enfrentar os desafios da vida pessoal e profissional. Ao priorizar a realidade vivida pelos estudantes, a educação progressiva amplia as possibilidades de construção de significados, uma

vez que reconhece o educando como sujeito histórico e social. Essa perspectiva aproxima-se da crítica freireana à educação bancária ao valorizar o diálogo, a problematização e a construção conjunta de saberes, favorecendo práticas pedagógicas que promovam a consciência crítica e a participação ativa dos alunos no próprio processo formativo (Freire, 1996).

Uma educação inovadora deve priorizar a experiência do estudante e proporcionar condições para que ele interaja com o meio. O educador, por possuir maior experiência e compreensão do ambiente, tem a responsabilidade de contribuir significativamente para a formação dos alunos, auxiliando-os na avaliação de suas próprias experiências. Assim, a escola progressista não representa uma rejeição ao modelo tradicional, mas uma reformulação do ensino e da aprendizagem, colocando o estudante no centro do processo educativo.

Ao refletirmos sobre as concepções de educação tradicional e progressiva, não propomos o abandono de um modelo em detrimento de outro, mas sim uma interação que considere a individualidade do sujeito em sua formação. Seja pelo viés tradicional ou progressivo, a educação deve proporcionar experiências significativas, indo além de exercícios automáticos, para criar ambientes que incentivem o julgamento crítico e a tomada de decisões. Para Dewey (1976, p. 16), "o homem não vive e morre para si, assim como nenhuma experiência vive ou morre para si mesma"; logo, a educação deve permitir que experiências sejam prolongadas e conduzam a compreensões que nos acompanhem ao longo da vida. Desse modo, ao considerar a educação como um processo contínuo de reconstrução da experiência, reafirma-se a necessidade de uma prática pedagógica que una reflexão, criticidade e ação. Dewey (1976) aponta que a qualidade das experiências vividas pelos estudantes determina o tipo de crescimento que elas irão gerar, reforçando que o papel do educador é criar condições para que essas experiências sejam ricas, integradoras e orientadas para o desenvolvimento humano integral.

A EXPERIÊNCIA E A AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Ao abordarmos os novos modelos de educação emergentes na contemporaneidade, nos quais o estudante é o ponto central do processo de ensino e aprendizagem, somos levados a refletir sobre a individualidade e a liberdade do educando. Na concepção de Dewey, a experiência não é um fenômeno isolado ou

restrito a uma prática mecânica; ao contrário, envolve a reflexão do sujeito sobre aquilo que vivencia e aprende. Dessa forma, toda experiência genuinamente educativa pode suscitar reconstruções cognitivas e afetivas no indivíduo, consolidando a experiência como um elemento fundamental do processo de aprendizagem.

Dessa forma, compreende-se que a experiência educativa, na concepção de Dewey (1976), assume um caráter profundamente formativo, pois permite que o estudante estabeleça relações entre o que vive, o que observa e o que aprende. A autonomia intelectual, portanto, não se desenvolve de maneira espontânea, mas a partir de situações em que o educando pode testar hipóteses, refletir sobre resultados e ressignificar suas ações. Esse movimento contínuo de reconstrução é o que possibilita a ampliação da consciência e a formação de juízos mais elaborados sobre o mundo.

Ao analisarmos a história da educação tradicional, encontramos práticas caracterizadas pelo autoritarismo e por estruturas rígidas de ensino, que restringiam a liberdade e a proatividade do aluno. Segundo Dewey (1976), o aprendizado ocorre por meio de uma interação contínua entre o indivíduo e o ambiente, promovendo questionamentos, formulação de hipóteses, investigação e descoberta. Para que essa experiência seja verdadeiramente educativa, é imprescindível que o aprendiz esteja ativamente envolvido na situação, busque conscientemente significados e reflita sobre os conhecimentos adquiridos, ampliando sua compreensão sobre o mundo. Assim, a experiência educacional não se reduz a uma simples ação, mas implica um processo de compreensão e atribuição de valor ao que é feito.

Dewey (1976) defende que, para a prática de uma educação progressista, ativa e participativa, é essencial exercitar a liberdade de inteligência do aluno. O educador deve conhecer os estudantes com os quais interage e remover os obstáculos que dificultam seu acesso ao conhecimento. Vigotski (2007) destaca que a compreensão das capacidades atuais do estudante é essencial para que o professor proponha intervenções adequadas ao seu nível de desenvolvimento. Essa leitura sensível do percurso do educando permite ao docente criar desafios possíveis, que estimulem o avanço cognitivo sem gerar frustração. Assim, o planejamento pedagógico torna-se um instrumento de aproximação entre o ensino e as necessidades reais do aluno, fortalecendo sua autonomia e participação no processo. A valorização da individualidade do aluno possibilita um ambiente de aprendizado

onde o conhecimento é explorado sem medo, diferentemente da educação tradicional, na qual o professor tinha a missão de ensinar de maneira impositiva e exigir a passividade do aluno. No modelo progressista, o processo de ensino e aprendizagem ocorre por meio do reconhecimento do espírito ativo do estudante, permitindo-lhe agir e refletir de maneira autônoma.

No contexto contemporâneo, a ênfase nas metodologias ativas, que buscam aproximar o conteúdo formal das vivências dos estudantes, reflete a necessidade de repensar o conceito de experiência em sala de aula. A utilização de projetos interdisciplinares, estudos do meio, debates temáticos e outras estratégias pedagógicas coloca os alunos diante de situações-problema que exigem a mobilização de saberes prévios e a construção de novas compreensões.

Essa aproximação entre teoria e prática também dialoga com a perspectiva freireana, segundo a qual o conhecimento se torna significativo quando emerge da problematização da realidade concreta (Freire, 1975). Ao vivenciarem situações que exigem leitura crítica, tomada de decisão e cooperação, os estudantes reconhecem-se como sujeitos capazes de intervir no meio em que vivem. Assim, a autonomia não é tratada como um atributo individual isolado, mas como uma competência construída coletivamente, no diálogo constante entre educador, educando e comunidade.

O crescimento intelectual possibilita a superação de hábitos e concepções arraigadas, demandando a transformação de experiências passadas e sua reconfiguração no presente de maneira inovadora, sem romper com sua continuidade histórica. À medida que o tempo passa, os indivíduos se especializam ou redirecionam suas trajetórias, ampliando seus horizontes. O conhecimento pode ser adquirido em diferentes contextos, e um dos principais meios de sua construção está na relação entre o sujeito e o meio social.

O vínculo entre conhecimento e interação social contribui para a ascensão acadêmica e profissional do estudante, promovendo mudanças culturais e novas perspectivas que favorecem a compreensão e construção dos conteúdos. Pestalozzi defendia que a mente do educando assume uma posição ativa no momento em que "a criança discrimina, analisa e abstrai as qualidades dos objetos" (Zanata, 2012, p. 107). Nesse mesmo sentido, Freire (1975) enfatiza que os seres humanos são essencialmente relacionais, aprendendo por meio da reflexão e da interação, o que lhes permite compreender a humanização do mundo em que estão inseridos.

Segundo Freire (1975), o conhecimento é um processo coletivo, e a educação deve articular teoria e prática para fomentar a conscientização cidadã.

Dessa forma, a experiência assume um papel essencial quando o professor, em seu planejamento, define objetivos claros, relaciona o tema aos interesses do grupo e incentiva a autonomia dos estudantes. A problematização do conteúdo é fundamental, pois estimula a curiosidade, o questionamento e a busca coletiva por respostas. Assim, a experiência educacional deixa de ser um simples "fazer algo" e passa a constituir uma vivência significativa e potencialmente formativa.

Para Freire, a educação é um meio de humanização do sujeito, permitindo que ele crie e recrie o mundo e suas relações sociais. De acordo com o autor, o homem deve transformar-se constantemente para melhorar o mundo ao seu redor. No ambiente educacional, é fundamental que o educando desenvolva a capacidade de organizar seu pensamento e suas práticas, estabelecendo um diálogo contínuo com os outros, a fim de repensar as relações humanas e sociais.

Nesse sentido, Freire (1975) reforça que a autonomia não se consolida pela simples ausência de imposições, mas pelo exercício permanente da responsabilidade, da criticidade e da participação ativa na construção do conhecimento. O estudante autônomo não é aquele que trabalha isoladamente, mas aquele que compreende sua capacidade de tomar decisões fundamentadas e de dialogar com diferentes perspectivas, reconhecendo-se como sujeito histórico capaz de transformar a própria realidade.

Nessa perspectiva, o diálogo é a condição essencial para a construção do conhecimento em um ambiente social. No contexto educacional, a interação entre educador e educando no processo de ensino e aprendizagem está em constante dinâmica, possibilitando a aquisição e a reconstrução do conhecimento. O professor, por sua vez, assume o papel de mediador, estimulando as potencialidades e habilidades do aluno de maneira significativa para sua formação integral.

A perspectiva vigotskiana reforça, portanto, que a formação humana não ocorre de forma isolada, mas por meio das relações sociais e das mediações simbólicas. Quando associada à filosofia da experiência de Dewey (1976) e à concepção dialógica de Freire (1987), essa visão amplia o entendimento sobre as estratégias inovadoras, evidenciando que a qualidade das interações, das práticas e das experiências vividas pelos estudantes é o que determina a profundidade da

aprendizagem. Assim, o ensino significativo depende da articulação entre mediação, diálogo e experiência, pilares fundamentais para a autonomia e a formação crítica.

ESTRATÉGIAS INOVADORAS PARA UM ENSINO SIGNIFICATIVO

Os métodos ativos e contextualizados representam uma necessidade no cenário educacional contemporâneo. As práticas pedagógicas devem se adequar às demandas atuais, promovendo experiências significativas e colocando o estudante como protagonista do processo de aprendizagem. Segundo Moran (2015), metodologias ativas têm o potencial de transformar o ensino ao promover uma aprendizagem mais significativa e envolvente. Nesse sentido, o planejamento das aulas precisa incluir elementos que despertem a curiosidade, o engajamento e a reflexão. Metodologias ativas, como a sala de aula invertida (*flipped classroom*), a aprendizagem baseada em projetos (ABP) e os círculos de discussão, possibilitam que o estudante participe ativamente da construção do conhecimento, em vez de apenas receber informações passivamente (Bacich; Moran, 2018).

A aprendizagem colaborativa, presente em diversas metodologias ativas, também encontra respaldo na concepção vigotskiana de que o desenvolvimento cognitivo ocorre primeiro no plano social, para depois se internalizar no indivíduo (Vigotski, 2007). Dessa forma, estratégias que promovem o diálogo, a resolução conjunta de problemas e a cooperação entre pares ampliam as possibilidades de desenvolvimento, permitindo que os estudantes se apoiem mutuamente na construção de novos conhecimentos.

Dewey (1976) já destacava que a aprendizagem ativa é aquela que promove a reflexão consciente sobre a ação. Assim, metodologias que colocam o estudante diante de situações reais ou simuladas favorecem a reconstrução da experiência e possibilitam que o conhecimento adquirido tenha maior aplicabilidade no cotidiano. O engajamento, portanto, não depende apenas da atividade em si, mas da qualidade da experiência vivenciada pelo aluno e das condições criadas pelo professor para que ela se torne significativa.

No entanto, a adoção dessas metodologias deve ser intencional e estruturada. A simples implementação de um projeto ou dinâmica sem clareza de objetivos pode comprometer a profundidade do aprendizado. É essencial planejar cuidadosamente as etapas, identificar os recursos necessários, orientar as perguntas norteadoras e

acompanhar o desenvolvimento do grupo para garantir que o conhecimento seja apropriado de maneira significativa (Dewey, 1976). Nessa perspectiva, Libâneo (2001) ressalta que a eficácia das metodologias depende diretamente de uma organização intencional do trabalho pedagógico. Isso significa que o professor deve articular objetivos, conteúdos, métodos e avaliação de forma coerente, garantindo que cada atividade corresponda às metas formativas do grupo. A intencionalidade pedagógica, portanto, é o elemento que transforma a atividade em experiência educativa e evita que a prática se reduza a um conjunto de ações desconexas.

Nessa perspectiva, o papel do professor assume uma função mediadora. Vigotski (2007) enfatiza que a mediação é o elemento central do processo educativo, pois é por meio da intervenção qualificada do professor que o estudante consegue avançar para níveis mais complexos de compreensão. A interação entre educador e educando permite que as funções psicológicas superiores se desenvolvam, favorecendo a passagem do que o autor denomina zona de desenvolvimento real para a zona de desenvolvimento proximal. Assim, a ação docente não substitui a autonomia do aluno, mas a potencializa, criando condições para que ele realize, de maneira independente, aquilo que inicialmente só conseguiria com auxílio.

Ao abrir espaço para experiências e protagonismo estudantil, o docente deixa de ser o detentor exclusivo do saber, a figura central dos processos de ensino e aprendizagem e passa a atuar como orientador desse processo. Isso, no entanto, não diminui a importância de sua formação, conhecimento teórico e competência didática. Ao contrário, o professor deve possuir uma base sólida para planejar e conduzir atividades que estimulem os alunos a buscar informações, formular hipóteses e desenvolver pensamento crítico (Freire, 1975).

Nesse contexto, o diálogo entre professor e aluno é central. A escuta atenta, a formulação de questionamentos instigantes e a devolutiva construtiva sobre as produções estudantis são estratégias fundamentais para promover o engajamento. Além disso, a relação afetiva e respeitosa sustenta a confiança mútua, tornando a troca de experiências mais produtiva (Libâneo, 2001).

Com a presença crescente das tecnologias digitais, a escola enfrenta o desafio de integrá-las de maneira crítica e intencional. Plataformas virtuais, aplicativos e redes sociais podem ampliar as possibilidades de aprendizagem, fomentar interação e facilitar o acesso a diversas fontes de informação. No entanto, é imprescindível que o uso desses recursos esteja alinhado a objetivos pedagógicos claros, evitando tanto

o excesso quanto a superficialidade. Para que a tecnologia contribua para o protagonismo estudantil, é necessário incentivar a produção de conteúdos, a socialização de pesquisas e a elaboração de soluções inovadoras, sempre com o suporte do professor e alinhadas ao currículo (Valente, 2019).

Freire (1987) destaca que a tecnologia, assim como qualquer ferramenta educativa, deve ser orientada por princípios éticos e formativos. Nesse sentido, seu uso no ambiente escolar precisa estimular a autonomia, a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes. Portanto, quando articulada ao diálogo e à problematização, a tecnologia deixa de ser um mero recurso instrumental e passa a integrar um projeto pedagógico comprometido com a formação cidadã.

Diante dos avanços e transformações no processo educacional, torna-se necessária uma reflexão crítica sobre práticas e metodologias que valorizem experiências reais ou simuladas, garantindo a efetiva aprendizagem e preparando os estudantes para desafios profissionais em diferentes contextos. Nesse sentido, Dewey (1976) enfatiza que as mudanças devem ocorrer de maneira natural, sem uma disputa sobre qual modelo é mais eficaz, mas sim com a compreensão de que a educação deve permanecer como eixo central. O objetivo é adotar práticas pedagógicas que valorizem as condições reais do educando e que utilizem a experiência como elemento estruturante do aprendizado.

Dewey (1976) defende que, quando a educação baseada na experiência é aplicada de forma planejada e reflexiva, ela possibilita uma maior aproximação do estudante com o conhecimento. Assim, as práticas pedagógicas devem ser constantemente renovadas e reformuladas para que o docente assuma uma postura personalizada no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a experiência se transforma e se integra ao conhecimento do aluno, promovendo um aprendizado mais significativo.

É fundamental compreender que ensinar não se limita à transmissão de informações, mas envolve o modo de vida, a personalidade e o contexto social do sujeito. O ser humano aprende por meio das relações estabelecidas no ambiente em que está inserido, tornando o conhecimento mais efetivo quando esse processo está alinhado ao seu desenvolvimento pessoal e profissional. O docente desempenha um papel essencial na qualificação desse processo, garantindo que o ensino ocorra de maneira estruturada e transformadora (Vigotski, 2007).

Dewey (1976) propõe uma educação ancorada nas atividades do cotidiano, em que a experiência se torne o caminho para a construção e reconstrução do conhecimento. Para isso, é imprescindível que o educador valorize o conhecimento científico e o transforme em conteúdo didático, promovendo uma interação entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo de suas trajetórias. Ao enfatizar essa integração entre saberes, Vigotski (2007) reforça que a aprendizagem se consolida na interação social e no compartilhamento de significados. Assim, quando o estudante relaciona o conhecimento escolar às experiências vividas, ocorre a internalização dos conceitos, permitindo que ele avance para níveis mais complexos de compreensão. Esse processo contribui para a autonomia intelectual, pois possibilita que o educando utilize o conhecimento de maneira crítica e contextualizada.

Por fim, é necessário refletir sobre a importância das mudanças atitudinais no processo educacional. Para Freire (1987), a educação é um espaço de formação cidadã, capaz de mobilizar indivíduos em busca de seus direitos e promover o diálogo crítico. Dessa forma, a educação transmite conteúdos e também possibilita a construção de uma sociedade mais justa e participativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, ao longo da história, tem sido um campo de constantes transformações, exigindo reflexões profundas e contínuas para a compreensão de seus conceitos e de sua evolução. No contexto contemporâneo, essas reflexões tornam-se ainda mais essenciais, uma vez que o avanço da tecnologia, as mudanças sociais e as novas demandas do mundo globalizado exigem abordagens pedagógicas cada vez mais dinâmicas, inclusivas e adaptáveis.

Nesse sentido, pensar a educação contemporânea implica compreender que mudanças estruturais não ocorrem apenas pela adoção de novos recursos ou tendências pedagógicas, mas pela ressignificação das relações que se estabelecem entre educadores, educandos e conhecimento. Como destaca Hernández (2007), as transformações do século XXI exigem uma revisão das práticas tradicionais para que a escola possa dialogar com as culturas juvenis e com as múltiplas linguagens que emergem no meio social. Assim, a renovação pedagógica passa, necessariamente, por uma análise crítica do papel da escola na sociedade contemporânea.

Diante desse cenário, este estudo buscou apresentar caminhos que podem ser seguidos para reduzir os impactos dessas transformações, destacando a necessidade de um agir pedagógico multiforme e atento às singularidades do educando. A experiência cotidiana surge como um elemento essencial para a construção do conhecimento, permitindo que práticas educativas sejam ajustadas às realidades dos estudantes. O desafio, no entanto, reside na clareza sobre os objetivos da educação: *qual o seu real propósito e aonde queremos chegar com ela?*

Dewey (1976) reforça que a finalidade da educação deve estar voltada para o desenvolvimento integral do sujeito, permitindo que ele interprete e transforme o mundo por meio de experiências significativas. Essa perspectiva desloca o foco da simples transmissão de informações para a construção ativa de sentidos, na qual o estudante participa como agente e não como mero receptor. Assim, refletir sobre os propósitos da educação implica compreender que o ato educativo é, antes de tudo, um processo de formação humana.

A reflexão sobre a experiência como referência metodológica no ensino atual reforça a importância de um olhar atento ao processo de ensino e aprendizagem, à relação entre homem e sociedade e à atuação do educador. A educação, portanto, deve ser vista não apenas como um meio de transmissão de conhecimento, mas como um espaço de construção do sujeito, permitindo-lhe atuar de forma crítica e autônoma no mundo. Nesse sentido, não basta que o indivíduo absorva informações; é essencial que ele compreenda seu papel como ser pensante e ativo na construção de sua própria liberdade e emancipação. Nesse processo, a mediação docente assume um papel central, como aponta Vigotski (2007), já que é por meio da interação com o outro, do diálogo e da partilha de significados que o estudante se apropria de saberes socialmente construídos, internalizando-os e reconstruindo-os em novas formas de compreensão. A educação, assim, não ocorre de maneira isolada, mas se efetiva nas relações estabelecidas no contexto escolar e social, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Além disso, a presença cada vez mais forte da tecnologia e o fácil acesso à informação colocam novos desafios e oportunidades para a educação. A era digital possibilita novas formas de aprendizagem, promovendo maior interação e engajamento do estudante, mas também exige um olhar crítico sobre a qualidade e a profundidade desse conhecimento. Nesse contexto, a formação do sujeito precisa

equilibrar ciência, tecnologia e humanização, garantindo que a razão e a subjetividade caminhem juntas na construção de um saber significativo e aplicável à realidade.

Freire (1987) acrescenta que nenhuma educação pode se dissociar da ética e da humanização. Em uma sociedade marcada por desigualdades, a escola deve assumir um compromisso político e formativo, promovendo uma educação que estimule a criticidade, o diálogo e o engajamento social. Dessa forma, o uso da tecnologia e das metodologias inovadoras só cumpre seu papel quando articulado a uma visão emancipadora, capaz de levar o estudante a compreender sua inserção no mundo e sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa.

Dessa forma, reafirma-se a necessidade de que educadores, gestores e pesquisadores estejam constantemente dispostos a revisar suas práticas, a dialogar com diferentes abordagens e a compreender a educação como um processo vivo e dinâmico. Somente assim será possível transformar o ensino em uma experiência significativa, capaz de formar cidadãos críticos, éticos e preparados para os desafios da sociedade contemporânea.

Como afirmam Dewey (1976), Vigotski (2007) e Freire (1987), educar é um ato que exige reflexão contínua, diálogo, mediação e disposição permanente para reconstruir caminhos. Desse modo, a educação contemporânea só poderá cumprir sua função social se for capaz de integrar experiência, interação, criticidade e sensibilidade humana, reconhecendo o estudante como sujeito histórico e ativo de sua própria formação. Assim, reafirma-se que o compromisso com um ensino significativo é, além de uma escolha metodológica, um posicionamento ético diante da vida, da escola e da sociedade.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FORQUIN, Jean-Claude. **École et culture**: le point de vue sociologique. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MORAN, José Manuel. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.

VALENTE, José Armando. **Compreender a integração das tecnologias digitais na escola**. 2. ed. Campinas: UNICAMP/NIED, 2019.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZANATA, Elenice de Souza. **A pedagogia de Pestalozzi e a educação dos sentidos**. Curitiba: CRV, 2012.